

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**TRAJETOS LIMINARES: A EXPERIÊNCIA DA ‘LIMINARIDADE PERMANENTE’ NAS TRAJETÓRIAS DE MULHERES TRANSEXUAIS**

Hugo Felipe Quintela<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

Durante os anos de 2012 a meados de 2014, eu pesquisei intensamente a experiência da transexualidade na sociedade ocidental, principalmente no que se refere à construção social da mulher transexual, ou como eu prefiro utilizar, da mulher na transexualidade. Nesse período, quatro mulheres na transexualidade residentes da Grande Vitória, no Estado do Espírito Santo, narraram suas experiências da infância até o momento atual de suas vidas, por meio de entrevistas semi-estruturadas e em diversos encontros. Dessa maneira, o método de pesquisa que mais se adequou ao meu trabalho foi a História de Vida. O objetivo central desse artigo é produzir uma reflexão que permita entender a experiência da transexualidade como um momento de *liminaridade permanente*. Pois ao ser enquadrada pelo discurso biomédico, à experiência transexual ganha um caráter liminar, uma vez que indivíduos que vivenciam essa experiência são colocados “fora do mundo”, pois são consideradas pessoas que precisam se adequarem para serem incluídas.

**Palavras- chaves:** Mulheres transexuais, liminaridade permanente, trajetórias liminares

### ***1. Introdução***

Através das histórias de vida de Sandy, Deborah, Crislaine e Rafaela pude trabalhar com o conceito de *projeto* tal como formulado por Schutz (2012) e revisitado por Gilberto Velho (2013). Segundo esses autores o conceito de *projeto* significa a conduta organizada para atingir finalidades específicas, tendo como a referência

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes. E-mail: hugoquintela86@gmail.com.

caminhos que são escolhidos subjetivamente dentro de um determinado *campo de possibilidades* que são informados por meio dos paradigmas culturais compartilhados. Nos termos de Velho, o *campo de possibilidades* seria a dimensão sociocultural, o espaço para formulação e implementação de projetos (VELHO, 2013). Nas próprias palavras de Gilberto Velho (2003):

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O *projeto* no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Shutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 2013, p. 123).

Esses conceitos de *projeto individual* e *campo de possibilidade* são importantes para a minha análise, uma vez que entendo que o principal projeto de mulheres na transexualidade é o *tornar-se mulher*, processo esse que se dá na dimensão da *liminaridade*, uma vez o *campo de possibilidade* que a nossa sociedade confere para essas mulheres é limitado no que refere a possibilidade de transitar entre os gêneros e romper com padrões corporais estabelecidos como os únicos possíveis.

De acordo com Judith Butler (2003), parto do pressuposto que transexualidade é uma expressão identitária que revela divergência com as normas de gênero, uma vez que esta é fundada no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações. Dessa forma, as normas de gênero definem o que é considerado “real”, delimitando o campo no qual se pode conferir humanidade aos corpos.

Por isso, os sujeitos transexuais constroem seus corpos questionando os ideais fixos de sexo e gênero, inscrevendo em seus corpos outras possibilidades de viver gênero e sexualidade. Assim, os transexuais desafiam os diferentes contextos de nossa cultura, os padrões postos como aceitos legitimados pelos binarismos de gênero e a heteronormatividade que, na cultura ocidental, são significados como naturais e inerentes ao humano.

Durante os meus contatos com as entrevistadas, me chamou a atenção uma experiência narrada por todas elas. Sem exceção, elas narraram que vivenciam ou vivenciaram em várias fases de suas vidas uma experiência de “não lugar” na sociedade, uma experiência de não estar “nem lá e nem cá” no que se refere aos lugares sociais que

são atribuídos a homens e mulheres em nossa sociedade, e todo o desdobramento e status que esses lugares conferem à vida cotidiana das pessoas, em especial naquelas que não se adequam ao sistema sexo-gênero (RUBIM, 1993).

Assim, a partir da leitura da obra de Turner, compreendemos a *liminaridade* como o momento alto no ritual, pois a estrutura social se encontra em suspensão e, por isso, existe há ausência de “status”, de diferença sexual, de classes, hierarquia, de obrigações de parentesco. No momento liminar, os corpos ocupam um espaço-tempo indizível, mais potencial que se imagina, segundo Turner. O indivíduo se localiza no meio, no entre (*betwixt and between*)<sup>2</sup>, no limbo, no nada da estrutura cotidiana, pois o que se suspende é todo o sistema social vigente, o ordinário social, as vivências cotidianas. Por isso, Turner (1974) chamou a *liminaridade* de prima matéria: um estado bruto onde os indivíduos não estão nem dentro nem fora da sociedade, é um lugar onde se está absorto em singularidades, espaço, tempo, inclassificáveis. Turner (1974) ainda aduz que esse lugar liminar é transporte para outras realidades.

Dessa maneira objetivo central desse artigo é produzir uma reflexão que permita entender a experiência da transexualidade como um momento de *liminaridade permanente*. Pois ao ser enquadrada pelo discurso biomédico, à experiência transexual ganha um caráter liminar, uma vez que indivíduos que vivenciam essa experiência são colocados “fora do mundo”. De acordo com Van Gennep (1978, p. 26): “*Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano*”.

Em suma, o que pude perceber a partir da minha pesquisa é que *liminaridade permanente* na vida das mulheres na transexualidade impossibilita as ações e o trânsito dessas mulheres em nossa sociedade, é o que limita os seus campo de atuação, em especial, no que se refere ao campo de satisfação psicossocial. A *liminaridade permanente* na vida das mulheres na transexualidade também cria duas situações distintas, a invisibilidade, que deve ser entendida como a não consideração que essas mulheres são dignas de direitos e respeito. E, por outro lado, existe a situação da

---

<sup>2</sup> Turner usa o termo “betwixt and between” em vários livros, no qual funde dois sinônimos que aponta a indeterminação e falta de localização precisa da coisa designada. Exemplos de possíveis traduções seriam: “nem lá nem cá”, “aquém e além dos pontos fixos”, “entre dois mundos”, “entre e entrementes”.

*hipervisibilidade*, que seria um excesso de visibilidade numa dimensão negativa, pois essas mulheres são retratadas de maneira caricata, não humana, patológica.

## **2. Trajetos Liminares**

As pessoas transexuais constroem seus corpos questionando os ideais fixos de sexo e gênero, inscrevendo em seus corpos outras possibilidades de viver gênero e sexualidade. Assim, os transexuais desafiam os diferentes contextos de nossa cultura, os padrões postos como aceitos legitimados pelos binarismos de gênero e a heteronormatividade que, na cultura ocidental, são significados como naturais e inerentes ao humano (BURTLER, 2003).

Como bem pontuou Cossi (2011), coube à Medicina, principalmente a dos meados do século XX, ter elevado a experiência transexual à categoria de entidade patológica, principalmente a partir dos estudos de Benjamin e Money, Robert Stroller. Desde então, a cirurgia de transgenitalização<sup>3</sup> se estabelece como a única possibilidade de “adequação” corporal, mas também moral e social das pessoas que vivenciam a transexualidade. Assim, quando pessoas transexuais recorrem à cirurgia como forma de mudança corporala fim de alterar seu status na sociedade, entendo que o processo cirúrgico configura-se como um rito de passagem para os indivíduos transexuais.

Recorro a essa noção de ritos de passagem por dois motivos: por entender que a mulher na transexualidade vivencia vários ritos na sua trajetória de *tornar-se mulher*, mas a principal razão pela qual recorro a noção é por compreender que em nossa sociedade a cirurgia de transgenitalização é entendida como obrigatória em caso de pessoas que vivenciam o conflito de gênero e querem ser reconhecidas pelo gênero oposto ao designado por meio do seu corpo biológico. Ou seja, a cirurgia de transgenitalização é colocada como imperativa e decisiva para que pessoas que vivenciam o conflito de gênero. Sendo assim, o procedimento cirúrgico se tornou um rito de passagem obrigatório para quem vivencia a experiência da transexualidade.

---

<sup>3</sup>Apesar de no Brasil a tentativa de fazer a cirurgia de redesignação sexual ter iniciado na década de 1970, a cirurgia de redesignação sexual no Brasil teve a sua autorização no Brasil a partir da Resolução CFM n. 1.482, de 10 de setembro de 1997, a título experimental, sendo que apenas com a Resolução CFM n.1.652, de 6 de novembro de 2002, que a cirurgia de neocolpovulvoplastia (cirurgia que transforma pênis em vagina) deixa de ser considerada experimental.

Levando em consideração o aspecto importante dos ritos de passagem para se entender as relações entre os indivíduos, os grupos e as posições em determinados contexto social, Van Gennep (1978) argumenta sobre a importância de se analisar o sistema social como dinâmico e compartimentalizado de uma série de rituais que definiriam os grupos e as divisões entre os indivíduos. A partir desse autor, a trajetória dos sujeitos estaria permeada de ininterruptas passagens de uma posição social para outra. Dessa forma, a compreensão dos ritos, regidos pela decisão coletiva e dotados de tempo e de espaço, se caracteriza, pela necessidade do indivíduo, de promover uma transformação no mundo social no qual vive e a si mesmo com o intuito de viver em sociedade. De acordo com Rodolfo (2004), o rito concede autoridade e legitimidade para organizar a posição, o valor e as visões de mundo do sujeito.

Van Gennep (1978) apontava a existência de uma generalidade na estrutura do processo dos ritos de passagem, que segundo ele são compreendidos por três fases – *separação, margem e agregação*. A partir dos escritos de Gennep, percebe-se que, das três fases, a *separação* é entendida como o afastamento do indivíduo ou do grupo, de um lugar fixo na estrutura social ou de um estado. Já a *margem* ou *limiar* é o estado (passageiro) ambíguo que tem poucos atributos do estado passado ou futuro. E, por fim, a *agregação* é a passagem consumada.

De acordo com Van Gennep (1978), a margem, ou período liminar, desenvolvia um simbolismo próprio em relação às outras fases. Nos períodos liminares, os indivíduos que participavam do ritual se encontravam fora das estruturas da sociedade entre as quais se movimentavam; essa movimentação é o sentido do rito de passagem. Na obra de Van Gennep, os indivíduos liminares eram neófitos, os adolescentes, os noivos, a parturiente etc.

Já Turner utiliza o conceito de *liminaridade* em seu trabalho etnográfico entre os *Ndembu* na Zâmbia. O autor faz a análise do material colhido em campo procurando estabelecer a sua tese sobre *liminaridade*. Turner (1974) nos diz que o modelo da nossa sociedade é de uma “estrutura de posições” e devemos encarar o período de *margem* ou *liminaridade* como uma situação interestrutural. Ele ainda considera que os ritos de passagem estão presentes em todas as sociedades e tais ritos assinalam transições entre estados, um “estado” é “uma condição relativamente fixa ou estável”. Para esse autor, o

termo “estado” é aplicável às condições ecológicas, ou à condição física, mental ou emocional em que uma pessoa ou grupo se encontra num determinado momento.

A partir da leitura da obra de Turner, compreendemos a *liminaridade* como o momento alto no ritual, pois a estrutura social se encontra em suspensão e, por isso, existe há ausência de “status”, de diferença sexual, de classes, hierarquia, de obrigações de parentesco. No momento liminar, os corpos ocupam um espaço-tempo indizível, mais potencial que se imagina, segundo Turner. O indivíduo se localiza no meio, no entre (*betwixt and between*)<sup>4</sup>, no limbo, no nada da estrutura cotidiana, pois o que se suspende é todo o sistema social vigente, o ordinário social, as vivências cotidianas. Por isso, Turner (1974) chamou a *liminaridade* de prima matéria: um estado bruto onde os indivíduos não estão nem dentro nem fora da sociedade, é um lugar onde se está absorto em singularidades, espaço, tempo, inclassificáveis. Turner (1974) ainda aduz que esse lugar liminar é transporte para outras realidades.

Por isso considero possível entender a experiência da transexualidade como um momento de *liminaridade* em nossa sociedade, mais ainda, entendo essa experiência sendo como uma *liminaridade permanente*. Ao se enquadrada pelo discurso biomédico, à experiência transexual ganha uma caráter liminar, uma vez que indivíduos que vivenciam essa experiência são colocados fora do mundo. De acordo com Van Gennep (1978, p. 26): “*Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano*”.

Por isso penso ser possível compreender que o rito de passagem que permite o indivíduo transexual retornar para o mundo novamente com novos papéis sociais seria a cirurgia de transgenitalização, segundo o discurso biomédico, pois, a partir da cirurgia, ele seria retirado desse não lugar, no qual ele é compreendido como “não gente”. Nesse sentido, considero importante se pensar, assim como Le Breton (2004), que as modificações corporais são indicadores de ritos de passagem, a fim de mudança de status do sujeito em determinado contexto social.

---

<sup>4</sup>Turner usa o termo “betwixtandbetween” em vários livros, no qual funde dois sinônimos que aponta a indeterminação e falta de localização precisa da coisa designada. Exemplos de possíveis traduções seriam: “nem lá nem cá”, “aquém e além dos pontos fixos”, “entre dois mundos”, “entre e entrementes”.

Pela lógica biomédica, o indivíduo que vivencia a transexualidade sofre de uma inadequação, de maneira pontual, esse indivíduo rompe com as estruturas vigentes em nossa sociedade em relação ao corpo e aos gêneros. Velho (1999) compreende que, no Brasil, tratar o limem e o paradoxal como negativos seria incoerente, chegando a apontar que entre nós as celebridades *trans* não são objetos de horror ou de abominação como acontece nos EUA.

Realmente, ao tratarmos da realidade brasileira, com suas diversas realidades sociais convivendo entre si, se inter cruzando, há uma *institucionalização do intermediário* que modela a sociabilidade (VELHO,1999); e por isso é complicado entendermos a *liminaridade* apenas com o teor negativo. Todavia o fato de indivíduos que estão na *liminaridade* não serem objeto de horror, como o caso das pessoas que vivenciam transexualidade, não as fazem estar plenamente inseridas na sociedade.

Dessa forma, parto do pressuposto que a cirurgia, enquanto rito de passagem obrigatório para que uma mulher na transexualidade consiga efetivamente ser inserida na sociedade enquanto mulher, não promove de fato essa mudança de *status* de fato, uma vez que a estigmatização do adjetivo transexual não é superada. Mesmo depois da cirurgia, o *status* anterior ao rito é recorrentemente invocado por nossa sociedade, quando se trata das mulheres na transexualidade.

E mesmo havendo, como diz Velho (1999), uma institucionalização do intermediário, ou seja, mesmo que a *liminaridade* seja um estágio muito presente em nossa sociedade, a transexualidade representando também esse liminar, não consegue romper esse estágio, pois a cirurgia de transgenitalização, enquanto rito de passagem obrigatório, não insere de fato a mulher na transexualidade plenamente no convívio social como uma pessoa reconhecida como uma mulher.

Turner (1974) nos diz também que a identidade liminar é vivenciada no âmbito da experiência corporal, na forma de um corpo liminar. Um corpo que se nega a identificar-se com uma estabilidade social fixa, buscando seu próprio movimento interno e outras possibilidades de relação com o mundo, vivência corporal típica das mulheres na transexualidade.

Por isso, ao tratarmos do lugar social da mulher na transexualidade em nossa sociedade, podemos perceber que, o rito de passagem, embora institucionalizado pelo discurso médico e jurídico, não consegue promover a sua agregação na sociedade.

Então, falar do lugar social da mulher na transexualidade é falar de um lugar liminar e, nesse sentido, contrapondo à percepção de Velho (1999), o limem, nesse caso, é um lugar negativo, pois quem o vivencia lhe é conferido à categoria de coisa, a humanidade lhe é retirada e não mais lhe é concedida novamente. Penso ser possível entender que, desde sempre, ela ocupa o lugar liminar em nossa sociedade, uma vez que, na infância, por apresentar o rompimento com as teias do gênero, a mulher na transexualidade já é colocada na liminaridade.

### ***2.1 A liminaridade permanente: Relatos da experiência***

Em relação às três fases do ritual de passagem citadas, a primeira se refere ao afastamento do indivíduo ou de um grupo: “[...] *quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um ‘estado’), ou ainda de ambos*” (TURNER, 1974, p. 116). Dentro do ritual de *tornar-se mulher*, a separação é perceptível nas trajetórias das minhas entrevistadas.

Apesar de não ser uma separação das estruturas da sociedade, existe uma separação de referências sociais importantes como família, convívio social, por isso entendo que a separação é vivida dentro do ritual de *tornar-se mulher*. Como objetivo principal desse artigo é entender a transexualidade a partir da ideia da *liminaridade*, não citarei e nem me aprofundarei na análise sobre o momento de *separação*.

A segunda fase, também conhecida por período limiar, o “transitante” tem características ambíguas, passando por um domínio cultural que pouco ou nada tem dos atributos do passado ou futuro; encontra-se em posição intermediária, no limiar de uma a outra fase, à margem. Para Turner (1974, p. 117), “[...] as entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais”.

A fase da liminaridade, na vida da pessoa que vivencia a transexualidade, penso ser a mais longa, aquela da qual nem sempre essas pessoas conseguem sair. Tendo como referência a cirurgia de transgenitalização como o rito que faz a passagem, compreendo aqui todo o trajeto até a cirurgia como a fase limiar da mulher na transexualidade, especialmente a partir do momento que ela assume, por meio da estética, seja por meio da indumentária, seja por mudanças corporais, o seu papel como

mulher em nossa sociedade. Conseguimos ver esse momento da *liminaridade* na fala das entrevistadas.

[...] Eu lembro de não poder entrar na escola na mesma hora, porque antigamente batia o sinal e você tinha que ir pra fila pra cantar o hino nacional. E que fila que eu ficava? Que fila que eu ficava? Tinha que cantar o hino nacional, qual é a fila que eu ficava? Aí os meninos me empurrava “Aqui não, aqui não, aqui não!”, entendeu? “Mariquinha, boiolinha, aqui não, aqui não”. As meninas não deixavam eu ficar, aí o quê que acontecia, eu empurrava, ofendia... Aí, a diretora tinha que me botar do lado dela ou a professora “Fica aqui! Fica aqui perto”, **aí ficavam as duas filas e eu no meio** [...] (Deborah)

[...] Depois que fugi da casa dele, nunca mais cheguei a ver ele de novo. Eu fiquei sabendo que ele falou no testamento dele lá. Ele tinha fazendas, daí no testamento falaram que ele disse para os meus tios, com os meus parentes de lá, que não ia botar o meu nome no testamento dele, porque eu era tipo uma aberração. Uma aberração, pois ele dizia que eu nem era homem e nem era mulher, e ele não aceitava uma pessoa como eu, **ele dizia que não tinha neto que ficava em cima do muro**. (Crislaine)

[...] Quando você chega na adolescência, eu já estava meio que deixando o cabelinho crescer, a fazer unha, aí eu estava [...] que eu ainda não sabia realmente que eu queria ser uma mulher ou um homem. Ainda estava confuso na minha cabeça. Aí, quando eu cheguei, acho que foi aos dezessete anos, que minha mãe me levou ao psicólogo, pra poder entender porque eu estava ficando tanto diferente, eu já estava começando a tomar hormônio escondida, daí o meu corpo estava ficando feminino, a minha aparência era uma mistura de menina com menino. Daí a minha mãe me levou no psicólogo para saber porque eu estava ficando estranha. Aí o psicólogo começou a fazer tratamento comigo, aí falou que eu tinha transtorno de gênero, **explicitou que era como se eu tivesse um desencaixe**. (Rafaela)

[...] Oitenta e oito aconteceu uma cena inacreditável, que essa eu marquei essa cena até hoje. Eu sempre fui do choque, mesmo. Eu lembro que eu acordei cedo, eu tinha um cabelo de franjão, assim, era um cabelo de franja, assim, lisa, meu cabelo todo, assim, fechado, escovado. Eu coloquei uma calça dessa, eu coloquei a camisa do uniforme e esse dia eu coloquei uma outra blusa por baixo que fechava a gola até aqui em cima e colocava uma cruz pequena aqui e um rayban. Quando eu cheguei na porta da escola, aonde as pessoas se formavam pra poderem entrarem na escola, eu tive uma vaia gigante, uma onda gigante, uma coisa gigante. Uma professora chegou pra mim e falou “Nossa, foi só por causa disso que eles todos gritaram lá em baixo?” **Tudo porque eu era diferente, eu era meio híbrida, não me adequava as expectativas deles, daí para eles eu não podia estar ali junto com eles, como se a minha presença atrapalhasse a harmonia da escola**. (Sandy)

A partir das falas das entrevistadas, conseguimos notar o estado de *liminaridade* – estado de transição entre duas fases –, ou seja, os indivíduos não pertencem à sociedade a que antes faziam parte e ainda não foram reincorporados a outra. Alguns trechos deixam bem evidente essa fase na vida das entrevistas. Deborah nos relatou que,

quando criança, na escola, ao formar fila para cantar o hino nacional, ela ficava no meio, pois não era aceita na fila dos meninos ou das meninas. Crislaine nos relata que o seu avô a tinha como aberração, pois ele não a via nem como homem nem como mulher. Sandy também nos contou que quando criança e adolescente promovia conflitos na escola por ser híbrida. Já a mãe de Rafaela, ao notar a diferença no comportamento de sua filha, procurou um psicólogo, em que foi diagnosticada como possuidora de transtorno de gênero.

As trajetórias de vida de Sandy, Deborah, Crislaine e Rafaela nos permitem perceber a *liminaridade*. Esse momento que limbo é vivenciado, um período ambíguo, transitório, caracterizado pela humildade, reclusão, ambiguidade. É na adolescência que o conflito se estabelece de maneira mais intensa, pois é nessa fase que as diferenciações de gênero se acentuam na vida de homens e mulheres, tanto nas mudanças corporais, quanto nas performances que homens e mulheres precisam assumir em nossa sociedade. Turner considera que “fases e pessoas [liminares] podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem.” (TURNER, 1974, p. 6).

A *liminaridade* é uma fase que a mulher na transexualidade não consegue transcender, pois a cirurgia de transgenitalização não é capaz de inseri-la na sociedade com o novo papel social que é almejado e “prometido” pela cirurgia, o papel de *mulher*, apenas mulher, sem nenhum adjetivo a esse substantivo. Sandy, no trecho a seguir, nos mostra como a cirurgia não conseguiu agregá-la na sociedade como status de mulher. Sandy havia dito que se uma mulher na transexualidade coloca na cabeça que é homem operado, ela vai ser um homem operado.

Julgamento é de cada um, você está entendendo? Se ela se sente mulher e ela se, se a, dentro da proposta dela pra adequá-la, mas se ela coloca na cabeça dela que “Ah, eu sou um homem operado” ela vai ser um homem operado, está entendendo? Porque é um julgamento da própria pessoa. (Sandy)

Mas, ao ser perguntada se esse julgamento era imposto pela sociedade, Sandy respondeu:

Ah, eu acredito que sim. Acredito que sim, sabe o por quê? Quem faz uma correção como essa, a primeira coisa pra você não ter chatices é você ter que mudar de país. Sumir. Vá embora. Desaparece! (...) Foi por isso que eu fui para a Europa. Me incomodava muito. Por exemplo, eu estava numa festa, eu poderia não estar a fim do rapaz que estava encostado naquele balcão, mas

ele começava a conversar comigo, alguém tinha que se aproximar dele e avisar a ele que eu era um travesti, você está entendendo? Era uma maldade muito grande, como deve acontecer com outras pessoas. Comigo já não acontece mais, porque eu fiquei muito tempo longe do Brasil, entende? Mas, eu, acredito que acontece essa maldade, entendeu? Porque no meu período foi isso que aconteceu. Como foi um 'boom' muito grande, as pessoas queriam te atingir, colocavam o dedo na sua ferida, te machucar, entendeu? "Ah, está dando tudo certo pra você aqui? Mas a sua vida pessoal vai ser uma merda!", você está entendendo?(Sandy)

A partir dos relatos acima, podemos notar como a condição de *liminaridade* na vida das mulheres transexuais pode ser entendida como intransponível. A *liminaridade* vivenciada pela mulher na transexualidade a faz ser *hipervisível*. O que podemos notar é que a mulher na transexualidade sofre com uma superexposição, uma *hipervisibilidade* que, muitas vezes, se torna prejudicial, pois esse excesso de visibilidade promove o efeito contrário, ao invés de conferir dignidade ela é retirada.

A *hipervisibilidade* no lugar de humanizar, desumaniza. A experiência da transexualidade em nossa sociedade promove no indivíduo a vivência da coisificação, e um dos mecanismos que contribui para essa coisificação é a hipervisibilidade. A visibilidade excessiva, no caso das mulheres transexuais, transforma essa experiência em algo exótico e, por isso, ela promove mais efeitos negativos. Essa hipervisibilidade, de acordo com Deborah, transforma a pessoa numa caricatura.

É uma, é uma violência e todo mundo está caindo nessa. Todo mundo está caindo nessa e as emissoras estão ajudando, porque vendem uma imagem da transexual. É, aí você pega, por exemplo, aquele programa, a minissérie da Rede Globo, que usou uma transexual como filha do presidente da República. E esse programa a transexual que foi um rapaz, que na verdade, não era nem trans, ele era um cara que se vestiu de mulher e foi fazer um papel, né, de, de transexual. Aí, a transexual foi filha do presidente da República, na minissérie da Rede Globo. Mas o programa que eu amo de paixão, que eu estou tão chateada com esse programa, que é o programa Entre Tapas e Beijos. E, aí, no programa, teve um programa que foi violento. A travesti ou transexual tinha que entrar pra fazer um show no lugar, é... Porque a menina que ia fazer o show na boate, brigou e saiu e botaram a travesti. As pessoas encheram ela de papel, jogaram coisas nela. Isso foi uma agressão, porque aquela pessoa não teve o estereótipo de mulher. Aquela pessoa é caricata. Ela não pode fazer o papel de travesti. E a Rede Globo bota a travesti, a transexual como caricatura, que as pessoas devem agredir. (Deborah)

Dessa maneira, vemos que a visibilidade que teoricamente proporcionaria a humanização das pessoas que vivenciam a transexualidade, em nosso caso, especificamente as mulheres na transexualidade, se torna um mecanismo que tem

consequência oposta. A *hipervisibilidade* impede que as mulheres na transexualidade sejam compreendidas por sociedade como pessoas, e de forma pontual, que elas sejam vista simplesmente como mulheres. Sobre o preconceito existente dentro do movimento LGBT em relação às pessoas transexuais, Deborah também relatou sobre:

A militância gay é muito mais preconceituosa, que a militância gay é preconceituosa, é a militância gay ela é preconceituosa, ela é racista, ela é machista, é mentirosa, são mentirosos. Eles usam as trans pra fazerem militância pra eles, está entendendo? Pra mim, a cena mais bonita ontem foi um tapa de luva pra toda militância foi a Dilma ter entregado o prêmio pra uma trans, entendeu? Ter entregado pra Keila o prêmio de, de Direitos Humanos, está entendendo? Porque era só os gays que eram premiados, daí a gente saiu desse contexto que o mundo LGBT pode ser só os gays pra receber o prêmio, é só os gays pra falar, está entendendo? Infelizmente a gente não vai conseguir parear as coisas. (Deborah)

A ativista Daniela Andrade<sup>5</sup>, em sua entrevista à revista Forum, vai falar da importância do *Dia da Visibilidade Trans*, pois, para ela, o movimento LGBT não aborda, de maneira satisfatória, as necessidades das pessoas transexuais. Ela também vai dizer que a mídia contribui negativamente para visibilidade das pessoas transexuais. Segundo ela, por exemplo, a mídia impressa é:

Péssimo, excludente, preconceituoso, transfóbico, cissexista. Via de regra, desrespeitam a identidade de gênero das pessoas trans, tratam as travestis como se fossem homens vestidos de mulher, tratam as mulheres transexuais como homens que viraram mulher e os homens transexuais como mulheres que viraram homens. Fazem sempre questão de grafar o nome do registro civil dessa população, considerando o nome social com desdém, um mero apelido. A mídia/imprensa de um modo geral serve para manter a exclusão das pessoas trans dentro da sociedade, tratadas como seres patológicos, criminosos, ridículos, exóticos.

Sendo assim, o que é preciso ser entendido é que a visibilidade é algo necessário para a humanização de qualquer pessoa, por isso que a luta da ativista Daniela Andrada é extremamente importante. Todavia, o que vemos acontecer em nossa sociedade é que, em nosso caso específico, as mulheres na transexualidade acabam sofrendo com a abjeção por conta da hipervisibilidade. Uma vez que a visibilidade que é atribuída a essas mulheres é aquela que negativa ou desumaniza essa possibilidade de se vivenciar o ser mulher em nossa sociedade.

---

<sup>5</sup>Entrevista disponível no link: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/01/a-sociedade-nao-nos-considera-gente-diz-ativista-transexual/> Acesso em 25 jan. 2014.

### *3. Considerações finais*

O que vemos então é que as mulheres na transexualidade são limitadas em sua atuação na sociedade, uma vez que estamos inseridos numa sociedade capitalista, onde a nossa posição no mercado nos diz quem somos ou se estamos inseridos na dinâmica social. As mulheres na transexualidade muitas vezes são impossibilitadas de almejam posições outras que não as já ‘estabelecidas’ para elas. A prostituição é um fato, situação essa vivida por Deborah e Crislaine. Outra posição que mulheres transexuais geralmente são direcionadas está relacionada com o universo da estética e da beleza. Rafaela é uma das muitas mulheres na transexualidade que conseguiram se estabelecer profissionalmente, trabalhando em salões de beleza. No meio artístico, como podemos ver o exemplo de Sandy, também é aceitável que mulheres na transexualidade estejam presente, mas com menos intensidade.

Obviamente, não estou querendo ser pragmático, ao falar desses lugares sociais que essas mulheres ocupam, é fato que várias não ocupam esses locais, mas que, de maneira geral, a maior parte das mulheres na transexualidade são direcionadas para esses lugares. O relato de Rafaela nos ajuda a entender também o porquê de encontramos essas mulheres em determinados locais e não em outros. No caso de Rafaela, o salão de beleza era onde ela podia existir sem precisar se esconder para não ser notada como um ser diferente.

Sempre ficava no meu canto. Eu acho assim que as transexuais meio que se escondem muito, né? Elas não querem ser notadas, ser descobertas. É como minha psicóloga fala, ela fala “Nos lugares onde você se sentir melhor...” no salão de beleza, onde eu não era operada, lá eu me sentia, assim, onde eu estava num paraíso, onde ali eu podia ficar à vontade. Agora, eu botava o pé pra fora do muro, parece que eu botava uma barreira na minha frente e fechava. Aí, a psicóloga falou assim e, depois, fiquei analisando isso e vi que ela tem toda razão. Eu bem que me bloqueava ou por medo de descoberta, ou por medo de um certo preconceito, de eu ser agredida, às vezes, era uma coisa da minha cabeça, entendeu? Aí eu acabava deixando transparecer isso, e as pessoas não chegavam até a mim. Como eu estava aquela pessoa séria e não iam. Mas no salão onde eu trabalhava eu não tinha esse medo, eu me sentia bem, me sentia mulher, sem medo de ser vista como alguém diferente.  
(Rafaela)

A minha compreensão é que muitas vezes não é o reconhecimento que o movimento LGBT busca é o que as mulheres na transexualidade às vezes estão em busca. A satisfação psicossocial, em muitas situações, fala mais alto do que as lutas

políticas. Obviamente, não estou dizendo que uma coisa não tem a ver com a outra. As lutas políticas são importantes, mas nem sempre serão representativas para essas mulheres, ou são entendidas como interligadas as suas necessidades cotidianas.

Quando falo de satisfação psicossocial, estou entendendo como eventos nas trajetórias de nossas vidas que fazem com que as nossas experiências sejam significativas para além dos percalços e eventos negativos que marcam o nosso trajeto. Um exemplo de satisfação psicossocial é o relato de Rafaela abaixo:

Ontem mesmo eu fui na praia, pude botar um biquíni, coisa que eu nunca podia fazer à vontade, entendeu? São coisas simples na vida, mas que faz uma grande diferença pra quem é transexual operada, entendeu? Não é, tipo assim, que a cirurgia vai ser a solução da minha vida. Não vai ser. Talvez esses problemas podem dificultar mais ainda daqui pra frente, entendeu? Mas eu fiz já sabendo que seria dessa forma. (Rafaela)

A satisfação psicossocial está embutida no *projeto* de vida que, necessariamente, não passará por uma luta militante pelo reconhecimento da transexualidade, uma vez que mulheres na transexualidade, grande parte das vezes, não buscam serem vistas como transexuais, mas apenas como mulheres. Todavia, como já foi dito anteriormente, de acordo com Velho (2013), um *projeto* coletivo não vai ser vivido de modo totalmente igual pelos indivíduos que o compartilham.

Em suma, a *liminaridade permanente* na vida das mulheres na transexualidade impossibilita as ações e o trânsito dessas mulheres em nossa sociedade, o que limita o campo de atuação dessas mulheres, em especial, no que se refere ao campo de satisfação psicossocial. A *liminaridade* na vida das mulheres na transexualidade também cria duas situações distintas, a invisibilidade, que deve ser entendida como a não consideração que essas mulheres são dignas de direitos e respeito. E, por outro lado, existe a situação da hipervisibilidade, que seria um excesso de visibilidade numa dimensão negativa, pois essas mulheres são retratadas de maneira caricata, não humana, patológica.

## Referências

BECKER, H. S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1999.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira: 2003.

COSSI, R. K. *Transsexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2011.

LE BRETON, D. *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2004.

RUBIN, G. (1975) *O tráfico de mulheres: Notas sobre a “economia política” do sexo*. Ed. S.O.S Corpo. Recife: 1993.

SCHUTZ, A. *Sobre a fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012.

TURNER, V. W. *Liminaridade e Communitas*. In: O processo ritual. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. p. 116-159.

VELHO, G. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Um antropólogo na Cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.